

AÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: ENCONTROS DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIAS DE RESILIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

JULIANE FIGUEIREDO FONSECA

Doutora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, juliane.fonseca@ufjf.edu.br;

RUTHMARY FERNANDA DE SOUZA FERNANDES

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ruthmaryjf@gmail.com;

LEANDRO DAMASCENO KREUTZFELD

Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, leandrodk@yahoo.com.br;

RAQUEL RINCO DUTRA PEREIRA

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, raquelrincodutra@gmail.com;

RESUMO

Motivados pelo estudo do adoecimento discente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o presente trabalho tem como objetivo apresentar um caminho, entre os possíveis, para a construção de uma realidade acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non*. A escrita deste texto apresenta a ação desenvolvida no Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde” - os momentos de encontro e partilha entre docentes e discentes do Ensino Superior. Realizados a princípio de forma presencial, nas Rodas de Conversa, e remotamente, no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), nos Mosaicos de Conversa. Esta ação se constitui como espaço-tempo de acolhimento e vivências que se fundamentam em valores que vislumbram relações interpessoais mais humanas e menos excludentes. Metodologicamente, preconizamos relações dialógicas, inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire e na ideia dos Mosaicos de Viktor Frankl. Os relatos dos participantes indicam que a oferta deste espaço-tempo de diálogo tem propiciado a da tomada de consciência sobre si mesmos, sobre seus processos, não só enquanto universitários e universitárias, mas como seres humanos acima de qualquer outra especificação.

Palavras-chave: Ensino Superior, Adoecimento Discente, Conscientização, Acolhimento, Resiliência.

INTRODUÇÃO

Diante do contexto de adoecimento discente no Ensino Superior, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um caminho, entre muitos, para a realização de um sonho possível (FREIRE, 2019) - a vida acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non*. Desejo este, que tem movido o Grupo Acolhe: estudo e pesquisa em educação, desenvolvimento e integralidade humana, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED-UFJF). O Grupo surge em 2018 e diante dos indícios de adoecimento mental entre os discentes da UFJF se apresenta, a partir de suas ações, como um espaço-tempo de acolhimento e vivências que vislumbram relações interpessoais mais humanas e menos excludentes entre os membros da comunidade acadêmica. As teorias de Viktor Frankl e Paulo Freire fundamentam as ações desenvolvidas pelo Grupo e, especialmente, sua compreensão acerca do que é a pessoa humana - um ser integral, multidimensional, em processo e inacabado.

A escrita deste texto foi tecida a partir da ação do Grupo Acolhe desenvolvida no âmbito do Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde” - o momento de encontro e partilha entre docentes e discentes do Ensino Superior. Tais momentos, inicialmente denominados Rodas de Conversa, e atualmente, Mosaicos de Conversa, têm como objetivo constituir-se em um espaço-tempo de acolhimento, partilhas e vivências que favoreçam a tomada de consciência, a busca pelo autoconhecimento, pela autorreflexão e por um agir mais alinhado ao seu sentir e pensar.

A recorrência de alguns descritores como ansiedade, depressão, baixa autoestima, problemas de saúde, estresse e saúde mental, identificados pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) como algumas das causas do baixo rendimento acadêmico entre os discentes da UFJF justificam a criação e oferta de espaços-tempo de caráter acolhedor na instituição.

O trabalho se estrutura com a apresentação inicial do arcabouço teórico que fundamenta as ações do Grupo Acolhe, a seguir a apresentação da metodologia dos momentos de encontro e partilha entre docentes e discentes do Ensino Superior, que tem como inspiração os Círculos de Cultura de Paulo Freire e a ideia dos Mosaicos de Viktor Frankl. O item discussões e resultados da pesquisa apresenta os desafios e as conquistas alcançadas

na transição das Rodas para os Mosaicos de Conversa, e por fim, tem-se a apresentação de uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nas palavras de Santo Agostinho (apud MORAES, 2018) “Conhece-te, aceita-te, supera-te” – reconhecemos o movimento constante e cíclico no processo de vir a ser a pessoa humana única e irreptível que apenas cada um é capaz de se tornar. “Torna-te aquilo que tu és” (PÍNDARO apud BRAZIL, 2012, p.31), um movimento em busca do sentido da existência, por meio da autoeducação e do autoconhecimento, para transformação de si e do mundo. Ledo engano imaginar um processo solitário – o ser consigo mesmo. Devir algum pode se dar sem o “encontro ou uma relação com algo que se experimenta” (LARROSA, 2002, p.25), enfim, sem a experiência propulsora de interações entre as pessoas e as coisas.

Para Larrosa (2011), a experiência apesar de ser “um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim [...]” (LARROSA, 2011, p.5), é algo que me passa, assim “eu” sou o lugar da experiência. O acontecimento, ao qual eu vou de encontro, produz efeitos e afetos no ser que sou.

Poderíamos dizer, portanto, que a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. (LARROSA, 2011, p.7).

O viver se constitui das experiências experimentadas, assim no seu caminhar a pessoa humana está num constante formar e transformar-se. A concepção de um ser em processo e inacabado se traduz nas palavras de Freire (2019),

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho”

que estão fazendo e que assim os refaz também. (FREIRE, 2019, p.135).

No entanto, o próprio autor afirma que não basta a pura percepção da inconclusão humana, é preciso juntar a ela a luta política pela transformação de si e da realidade. Transformação essa que se dá pelo cumprimento do nosso dever social, do “para que” da nossa existência, da razão de estarmos no mundo. O que Frankl (2019) define como sentido da vida ou sentido existencial.

Na concepção de Frankl (1993), o sentido existencial se relaciona a sentidos universais, mas também a uma situação singular vivida, sendo portanto diferente de pessoa para pessoa, de uma hora para outra e de situação para situação. Mais do que perguntar pelo sentido da existência, cabe ao ser humano dar à vida uma resposta, não com palavras, mas com o agir, com o realizar de três valores. O valor criativo – como uma obra a realizar; o valor vivencial – como uma pessoa a amar; e o valor atitudinal – como uma ação a tomar. Assim, a vontade de sentido está no agir e na realização que motiva a atuação da dimensão espiritual humana.

Na visão frankliana, a pessoa humana é um ser integral e tridimensional, formado pelas dimensões corpórea-psíquica-espiritual. A dimensão corpórea compreende a estrutura orgânica e fisiológica do ser humano, a dimensão psíquica os comportamentos, costumes, impulsos, desejos, entre outros. Enquanto a dimensão espiritual, também chamada de noética, abrange as decisões pessoais e a forma como a pessoa se faz presente no mundo, enfim, como existe. Sendo portanto, cada pessoa humana única e irreptível.

A dimensão espiritual não é passível de ser transmitida hereditariamente como a corpórea, nem plasmada pela educação como a psíquica, ela é intransmissível. Ela tem de ser realizada pelo próprio ser. “[...] o espiritual é só na auto realização, na realidade da realização da existência” (FRANKL apud XAUSA, 1986, p.124). Dessa forma, a existência é algo essencialmente espiritual, logo o sentido da vida também o é.

Para Frankl (2019, p. 200), “a vida não é alguma coisa, mas sim, e sempre, mera ocasião para alguma coisa”, para realizar algo inerente à própria existência, e Freire (2019, p.90) ratifica que “é no jogo das tramas de que a vida faz parte que ela – a vida – ganha sentido”. Em outras palavras, o sentido da vida se encontra nas decisões que tomamos diante das possibilidades de que a vida dispõe, no agir autêntico diante do destino que se apresenta. Sendo o destino um dado, uma experiência fora da pessoa humana, cabe a

ela o livre-arbítrio para escolher como enfrentar dada circunstância, cotidiana ou extraordinária. É válido ressaltar, que para Frankl (2019, p.166) o destino não pré-determina as ações do ser humano, sendo este capaz de decidir e agir perante a sua vida, afirma assim, que “quem considera marcado o seu destino torna-se incapaz de vencê-lo”.

O ser humano sendo, ator e autor da própria vida, é livre para uma tomada de posição, é livre para decidir, “mesmo que essa decisão seja pelo nada, pela passividade ou até pela autodestruição.” (Ibid., p. 24). No entanto, a liberdade deve vir acompanhada pela (res)ponsabilidade, tendo o ser que (res)ponder por suas atitudes e escolhas. É a díade liberdade e responsabilidade interliga-se à conscientização.

Para Freire (1980), a conscientização implica que homens e mulheres se assumam como seres que fazem e refazem as condições de sua existência. Implica, assim, um senso de responsabilidade perante a percepção e escolhas na vida.

Como conhecimento interno, a conscientização possui dois focos de ação: um em relação a si próprio e outro em relação aos outros, considerando todos em seu meio de vida (meio geográfico). A primeira dimensão compreende o sujeito histórico, o “eu no mundo”, capaz de trazer a realidade percebida para dentro de si e refleti-la. Por estar voltada para si, nesta dimensão, a conscientização é autoconhecimento. Porém, ele também ocorre na esfera dos outros, do “eu em relação”, entendendo-os como semelhantes em sentimentos, necessidades, direitos e deveres na sociedade: é o reconhecimento. Completando o ato de conhecer e reconhecer, a conscientização encontra seu ápice na ação transformadora da realidade (PITANO, 2017, p. 93).

Assim, lutar pela transformação do mundo implica mudar as condições de nossa existência, em especial aquelas que nos desafiam e inquietam. Demanda, ao vivenciar dada experiência, voltar-se para si, questionar e refletir - tomada de consciência e autoconhecimento. A consciência de algo se dá, quando esse passa a ser um percebido destacado (FREIRE, 2018) em nossa existência. Ao percebê-lo podemos conhecê-lo - conduzir esse algo para dentro de nós e a partir da reflexão (re)significá-lo - ou seja, torná-lo um inédito viável (FREIRE, 2014). A transformação de si e do mundo vem a ser quando da coerência, do alinhamento entre o sentir, o pensar e o agir. O agir para fora de mim, o agir no mundo.

Do início ao fim da travessia de nossa existência, vivenciamos diversas experiências que deixam marcas e produzem devires. Algumas se configuram verdadeiros ritos de iniciação que nos atravessam, nos tocam e nos transformam de forma significativa. Uma delas, pertinente ao contexto deste trabalho, é o ingresso à vida universitária, bem como sua manutenção. Em especial ao processo de afiliação, no qual alguém adquire um estatuto social novo, no caso o de estudante universitário, de acordo com Coulon (2017), aqueles que não conseguem se filiar fracassam. Fracassam os estudantes que não adquirem fluência “na utilização dos numerosos códigos, institucionais e intelectuais, que são indispensáveis a seu ofício de estudante” (COULON, 2017 p. 1245).

O mesmo autor ao descrever os passos desse processo – o tempo da estranheza, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação - evidencia os desafios, as angústias e os temores vivenciados nessa iniciação. Razões essas que, se não levam ao fracasso, podem, para muitos, ser a causa do adoecimento discente. Pertencer e permanecer na vida universitária, para muitos também se apresenta como um desafio. É o que apontam as pesquisas de Paz (2016), Rocha (2015), Campos (2018), Maia (2018), Barreto (2015), Vicente (2015), Rigo (2016), Sampaio, Stobäus e Baez (2017), dentre outras. Segundo esses autores, vários fatores contribuem e se entrelaçam para a evasão e o adoecimento dos estudantes dos cursos de ensino superior, como dificuldades financeiras e familiares; desmotivação em relação ao curso; dificuldades durante o estágio obrigatório; desafio em conciliar atividades profissionais com a vida acadêmica; insatisfação com o desempenho acadêmico; falta de identificação com o curso e, até mesmo, disputa de poder.

Atualmente as adversidades inerentes à experiência coletiva da pandemia da COVID-19, que têm, de certa forma, desestruturado nossa forma de viver e conviver em sociedade, também têm atuado como fatores geradores ou agravantes do adoecimento discente. Em relação ao ERE, Gusso et al (2020, p.5) apontam que a celeridade em implementar tal sistema comprometeu determinados aspectos do ensino trazendo assim prejuízos, os quais já podem ser destacados como “a) baixo desempenho acadêmico dos estudantes; b) aumento do fracasso escolar; c) aumento da probabilidade de evasão do Ensino Superior”.

No contexto dos desafios da vida universitária, faz-se necessário, entre os discentes, o desenvolvimento da resiliência - a capacidade humana de enfrentar, superar os desafios e sair deles transformados e fortalecidos (GROTBORG, 2005). Encontramos em Frankl (2008) também, o entendimento

de resiliência como sendo a faculdade do ser humano de transformar a sua perspectiva em relação aos desafios enfrentados na vida, entendendo que sempre pode haver algo positivo, tirando o melhor de cada adversidade. No caso dos discentes do ensino superior, por exemplo, encontrar sentido e valor no seu curso, se permitir vivenciar as experiências dele advindas e aprender mesmo nas situações de frustrações, pois “a vida só adquire forma e figura com as marteladas que o destino lhe dá quando o sofrimento a põe ao rubro” (FRANKL, 2019, p.198). Esta mudança de panorama, portanto, relacionada a forma de enfrentar adversidades que a vida oferece, pode tornar-se fator protetivo.

Rumo ao sonho possível (FREIRE, 2014) - a vida acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non* - apresentamos a seguir a ação de encontro e partilha desenvolvida no Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde”.

METODOLOGIA

Compartilhando com Freire (1980) o reconhecimento de que a dialogicidade é um caminho de transformação de si e do mundo, encontramos no encontro, na partilha, no diálogo a possibilidade de atingir o objetivo principal do citado projeto extensionista.

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é um favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados [...]” (FREIRE, 2012, p. 162 e 163).

Inicialmente, com inspiração no círculo de cultura (FREIRE, 2018), foram estruturadas as Rodas de Conversa, um espaço-tempo de acolhimento e vivências destinados ao estudante do ensino superior. O círculo de cultura, desenvolvido na década de 1960, com os participantes sentados em roda e com olhares entrecruzados, preza o diálogo como principal forma de aprendizagem e objetiva que o coletivo reunido se perceba como igual e com as mesmas potencialidades de aprendizado.

O círculo de cultura – no método Paulo Freire – re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo

vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreendendo-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo [...] (FREIRE, 2018, p. 24).

As Rodas de Conversa, antes da COVID-19, aconteciam presencialmente a cada quinze dias, em locais diferentes e abertos, como na Praça do Instituto de Ciências Humanas (ICH), no Jardim Pedagógico da Faculdade de Educação (FACED) e outros lugares da UFJF, visando alcançar o máximo possível de discentes. Para facilitar a identificação dos locais onde ocorria a ação de educação em saúde do Grupo Acolhe, uma tenda de tecidos coloridos era montada. Para que o diálogo fosse estabelecido, eram necessários os temas geradores específicos dos grupos com os quais se desejava dialogar e refletir a respeito. Aqui era de suma importância conhecer o que o público alvo considerava significativo no contexto em que se inseria. Para identificação dos temas de interesse dos discentes da UFJF, os Diretórios e Centros Acadêmicos (DA's e CA's) dos cursos sempre atuaram como parceiros e mediadores.

De março a setembro de 2020, o calendário acadêmico da UFJF foi suspenso em decorrência da pandemia, da mesma forma, foi interrompida a ação extensionista. Quando do retorno, na modalidade ERE, as Rodas de Conversa foram readequadas ao contexto pandêmico. Surgem, então, os Mosaicos de Conversa, possibilitando a continuação da ação do projeto extensionista.

Metodologicamente, a ideia dos Mosaicos está pautada em Viktor Frankl,

Num mosaico, cada um dos fragmentos, cada pedra, é, na forma e na cor, algo incompleto e ao mesmo tempo imperfeito; só no todo e para o todo significa cada uma alguma coisa. Se cada pedra - a modo de miniatura, digamos - contivesse já o todo, então poderia ser substituída por qualquer outra: tal como acontece com um cristal, que de algum modo pode ser perfeito na sua forma, mas precisamente por isso é substituível por qualquer outro exemplar da mesma forma; afinal de contas, todos os octaedros são iguais (FRANKL, 2019, p.151).

Nos encontros, agora realizados virtualmente, a configuração das múltiplas telas de vídeo se interconectam em perspectiva de comunidade, na qual indivíduos plurais, que se apresentam como únicos e irreptíveis,

se encontram em uma reunião de múltiplos-unos que formam a figura do mosaico, uma obra coletiva cujas peças só fazem sentido juntas e que se colocam em comunhão para formar essa obra de arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Rodas ou os Mosaicos de Conversa, a partir da partilha e comunhão de experiências pessoais, pretendem se configurar como possibilidades de um espaço-tempo de conhecimento de si e reconhecimento do outro, enfim de conscientização acerca dos desafios da vida acadêmica.

Com início em 2019, presencialmente as Rodas de Conversa ocorriam, aproximadamente de forma quinzenal, nos espaços físicos da UFJF e destinavam-se aos discentes desta instituição. Em 2020, na modalidade ERE, os Mosaicos passam a ocorrer semanalmente, em dia e horário fixos, na plataforma Google Meet e tem seu público alvo expandido para discentes do ensino médio, universitários de qualquer instituição e docentes da rede básica de ensino. Apesar das limitações impostas pelos meios virtuais de comunicação - a impossibilidade da aproximação e troca física com o outro -, estes mesmos possibilitaram a continuidade do nosso compromisso social com a comunidade acadêmica. Reconhecemos também outros ganhos. A necessidade de readaptação ao contexto pandêmico, nos inseriu nas redes sociais (Instagram e Youtube), o que possibilitou extrapolar as fronteiras físicas da instituição e assim alcançarmos, na divulgação dos encontros, um número maior de pessoas, bem como de perfis diversos.

No encontro com o outro, por cerca de 60 minutos, o diálogo é sempre desencadeado por algum disparador - dinâmica, vídeo, música, texto, ...- que traz à tona o tema gerador da conversa. Cada participante se insere no diálogo a partir daquilo que o tocou, que o afetou. Por vezes, as partilhas, fruto de experiências pessoais e inquietações interiores, geram turbilhões de ideias e de falas, por outras, o silêncio. No processo de conscientização, interpretamos o momento de silêncio como aquele do “eu no mundo”, momento de imersão em si mesmo, de busca do autoconhecimento e da auto reflexão. Assim, os silêncios não são por acaso, eles são significativos. Enquanto, os turbilhões de ideias e falas seriam o momento do “eu em relação”. O ouvir e o compartilhar permitem que as pessoas se reconheçam como semelhantes em sentimentos, necessidades, desafios, direitos e deveres na sociedade. Bem como se sintam pertencentes, importantes e acolhidas. Os encontros não almejam a discussão exaustiva da temática proposta, por isso, assim

que alcançamos o tempo de 60 minutos, o diálogo é finalizado e, deixamos, que as reflexões realizadas reverberem no íntimo de cada participante.

Na busca por criar possibilidades para a construção de uma comunidade acadêmica mais resiliente e humanista, aos temas geradores das Rodas de Conversa se agregaram valores inclusivos e humanos. Sendo as temáticas das Rodas: Esperança como prática de resistência; Solidariedade como prática de proteção; Respeito como prática de humanização; Cooperação como prática de resiliência; Amizade como prática educativa e como prática de aprendizagem e Decisão como prática de desenvolvimento.

Nos Mosaicos de Conversa, a retomada das atividades acadêmicas na modalidade ERE trouxe consigo diversos desafios, que nortearam a definição dos temas geradores: Expectativas... Como tenho lidado com elas?; ERE (Ensino Remoto Emergencial), reuniões e lives... Como tenho respondido a tudo isso?; Responsabilidades Acadêmicas no Ensino Remoto Emergencial... Qual “carga” tenho assumido?; Solidão... O que tenho a lhe dizer?; Você se vê? Eu te vejo!.

Para além dos desafios relacionados com o ERE, outros temas geradores conduziram as reflexões acerca de questões existenciais. As temáticas trabalhadas foram: Quem é seu inquilino neste momento?; Qual é o seu combustível?; Entre sonhos e cicatrizes, como está o seu caminhar?; Nas tramas da vida, o que te liberta?; Existência, onde reside sua beleza?; Sinto que estou...; Qual a cor da sua saudade?; Amizade, ‘pra q te quero?; Rir é um ato de resistência.

Os resultados da ação são registrados por meio das narrativas dos participantes do projeto extensionista - orientadoras e bolsistas. A cada encontro uma narrativa acerca das impressões e do registro de algumas falas é desenvolvida e se configura em dados qualitativos da pesquisa.

Como exemplo no Mosaico de Conversa, “Expectativas... Como tenho lidado com elas?”, a narrativa de uma das participantes destaca,

Compreendemos que há uma necessidade de aprender lidar com o inesperado da vida, como a pandemia advinda do Coronavírus, que dificulta nossos sonhos e impactou nossas expectativas. É necessário então, abrimos mão do controle das coisas, deixar fluir, visto que não temos controle de algo além de nós mesmos, e menos ainda sobre o tempo que passa.

Em outro Mosaico, “Qual é o seu combustível?”, uma das narrativas relata que,

Muitas respostas foram surgindo, como a fé em Deus, em si mesmo, no outro, em algo maior, na família! E chegamos à conclusão que não há um combustível apenas. Diariamente há desvios novos, inéditos, portanto o combustível deve mudar para fazer sentido. E a paixão por estar sendo, por estar agindo deve ser constante.

Os relatos expressam aquilo que os participantes sentem no momento, no Mosaico “Nas tramas da vida, o que te liberta?” tem-se a seguinte reflexão,

Podemos ver que é mais fácil perceber o que aprisiona do que o que liberta; que para sentir a liberdade do peso é só falar com Deus e entregar pra Ele, é compartilhar as cargas com outros, é entender o momento de aflição como momento de produção de força e perseverança. Entendendo que a liberdade traz consigo a responsabilidade, não tem como fugir dela. E ainda, muitas vezes tomaremos decisão na intuição e com coração. “Conheça-te, Aceita-se, Supera-te”. Santo Agostinho.

Em outro Mosaico, “Sinto que estou” iniciado com a música de abertura da série Cavaleiros do Zodíaco: Lost Canvas, um relato contemplativo foi apresentado,

Nós precisamos valorizar todos os sentimentos que possuímos, tanto os considerados bons quanto os ruins. No estado de “sentir que estamos determinado sentimento”, precisamos ter consciência suficiente para reconhecermos o que estamos sentindo, suas razões e como lidarmos com isso da melhor forma para tirarmos proveito, não nos deixando consumir de forma extrema.

E como um último exemplo de narrativa dos participantes o tema gerador: “Existência, onde reside sua beleza?” desencadeou a seguinte reflexão,

Vida...

Vida é a ação do tempo da natureza enquanto está sendo, marcas, coisas, causas, tempo, transformação... Wabi-Sabi - > Beleza que surge com o a marca e testemunho do tempo que passou, a beleza e a elegância refinada pelo tempo. A beleza no simples do cotidiano. Cada um vive seu Wabi-Sabi, suas experiências, o que está acontecendo, sua vida... A beleza está na própria existência, a essência do Wabi-Sabi, reside na beleza de sua existência. Já pensou que se uma mínima coisa fosse diferente na evolução/ construção do universo, o tipo

de vida que temos hoje, talvez não fosse possível? Já parou para ver uma fotografia antiga e se deparou com a pessoa da foto hoje? Os traços do tempo, ficam no corpo humano.... Mas... Se não colocarmos sentido nas coisas, elas perdem a beleza? Afinal, o quê é o belo? Há um padrão, ele é o belo para todos? Ele é medidor de beleza? Não creio. É mutável, é rápido, é... Inconstante. E não é isso? O que temos de mais constante na vida é a inconstância. Nossa capacidade em lidar com ela, também deve ser bela... Um momento belo? É difícil falar em um, depois que seus olhos, sua mente e sua sensibilidade te provocam um viver constante em ser e estar sendo belo...

Wabi: não importa a situação, sempre há beleza em algum lugar. Busque enxergá-la, se provoque, se permita!!!

Estes relatos indicam que a oferta deste espaço-tempo de diálogo para a comunidade acadêmica tem propiciado a seus participantes a possibilidade da tomada de consciência sobre si mesmos, sobre seus processos, não só enquanto universitários e universitárias, mas como seres humanos acima de qualquer outra especificação. Temos tido assim, um caminhar não solitário, mas em solitude e solidário na construção de estratégias de resiliência diante das adversidades da vida universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem sido o propósito do projeto extensionista aqui mencionado transformar o adoecimento discente em um percebido destacado entre os estudantes universitários, para que, perante a conscientização, a possibilidade de construção de estratégias de proteção e resiliência se torne um inédito viável e assim, a construção de um sonho possível: a vida acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non*.

Os momentos de encontro com o outro - sejam as Rodas ou os Mosaicos de Conversa - têm possibilitado a existência de um espaço-tempo acolhedor e seguro aos membros da comunidade acadêmica. Um espaço que estimula o diálogo entre os participantes - trocas, partilhas, reflexões, auto reflexão acerca de como cada um percebe e faz suas escolhas de enfrentamento dos desafios existenciais. Em outras palavras, têm favorecido que cada participante se revele na sua integralidade, unicidade e irreptibilidade. Por isso acreditamos que as atitudes e os projetos feitos de forma dialógica, permitem o reconhecimento do valor de si e do outro, do respeito a si e ao próximo em suas individualidades, bem como se configuram num caminho

de transformação de si e do mundo, transformação essa que se dá pelo cumprimento do dever social, do “para que” da nossa existência, da razão de estarmos no mundo.

AGRADECIMENTOS

A todos e todas que por meio da partilha generosa em nossos encontros têm contribuído para a construção do nosso sonho possível!

REFERÊNCIAS

BARRETO, Kelly Coelho Costa. **As cotas nos cursos de licenciatura presenciais da Universidade Federal de Goiás: a questão do reconhecimento**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19300/1/2015_KellyCoelhoCostaBarreto.pdf. Acesso em: 02 mai. 2019.

BRAZIL, Luciano Gomes. Do “conhece-te a ti mesmo” ao “torna-te o que tu és”: Nietzsche contra Sócrates em Ecce Homo. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26904/14688>. Acesso em: 21/07/2021.

CAMPOS, Liliane Carla. **Políticas de permanência estudantil em cursos de licenciaturas no período de 2007 a 2017: a experiência da Universidade Federal do Triângulo Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21109/1/PolíticasPermanenciaEstudantil.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.

COULON, Alain. O ofício de estudante. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 44, p. 1239-1250, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-1239.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. São Paulo: Quadrante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GROTBERG, Edith Henderson. **Introdução**: Novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.

GUSSO, Helder Lima et al. Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação e Sociedade**, v. 41, Campinas, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802. Acesso em: 19 jul. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>> . Acesso em: 23 jul. 2021.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul. 2011. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MAIA, Greice Lopes. **Indicadores de evasão e baixa procura nos Cursos de Licenciatura do IFFAR – Campus São Vicente do Sul: Rearticulações na Gestão**. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15952/DIS_PPGPPGE_2018_FONSECA_GREICE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mai. 2019.

MORAES, Marcelo. **Homem, conhece-te, aceita-te, supera-te**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2018.

PAZ, Claudia Terra do Nascimento. **As trajetórias estudantis em licenciaturas com baixas taxas de diplomação: tendências e resistências.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/152649/001012807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 mai. 2019.

PITANO, S. de C. A educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 87-104, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i1.43774>. Acesso em: 24 jul. 2021.

RIGO, Júlia da Silva. **Percursos de formação de estudantes de licenciatura noturna na UFV: ENEM, SISU e evasão.** 2016. 130 f. Mestrado em Educação – Instituição de Ensino: Universidade Federal de Viçosa, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/24269/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 nov. 2019.

ROCHA, Cleonice Silveira. **Por que eles abandonam? Evasão de bolsistas do PROUNI dos Cursos de Licenciaturas.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4852>. Acesso em: 27 abr. 2019.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; STOBÄUS, Claus Dieter; BAEZ, Marcio Alessandro Cossio. Vivências de mal-estar na transição da licenciatura à docência. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**, vol. 23, n. 3, jul./set 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115352985014.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VICENTE, Raniery Guilherme José. **Trajetoórias Educacionais bem-sucedidas: o reverso da evasão.** 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21007/1/2015_RanieryGuilhermelos%20Vice n.te.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21007/1/2015_RanieryGuilhermelos%20Vice%20n.te.pdf). Acesso em: 27 abr. 2019.